

O Reencontro

Naquela semana Miguel tirara para recordar-se do passado. Há muito tempo ninguém o visitava e nem ele saía de casa. Passava horas a fio a conversar com os pássaros que vinham cantar em seu quintal. Dava frutas a eles em troca de seus cantos. Tinha um pomar repleto de árvores frutíferas e outras tantas que floriam e deixavam tudo muito colorido. Miguel parecia apreciar a natureza. O que intrigava a moça que cuidava dele era que ele vivia muito só. Conversava com ela o mínimo necessário, mas era na visão dela, muito bondoso. Até já tinha lhe presenteado a casa onde moravam, para que quando ele viesse a falecer ela ficasse amparada.

Agora ele tirava o dia para conversar sozinho e quando perguntado com quem falava, respondia que era com seu anjo da guarda.

Zizinha era como ele chamava a moça que lhe prestava serviços. Ela sorria e não o retrucava. Às vezes lhe perguntava de seus amigos de quando jovem, ao que ele sempre afirmava que o único amigo que tivera, de verdade, fora Venceslau. Venceslau era filho do patrão de seu pai.

Muitas vezes havia contado a mesma história como que tivesse esquecido de que já havia feito. Zizinha o escutava pacientemente. Era só isso que o animava: lembrar do passado feliz que vivera e de sua esposa, que fora sua companheira por pouco tempo, porém, muito significativo.

Miguel gostava de relembrar do passado, quando ele e Venceslau passeavam juntos e brincavam no riacho perto de casa. Ambos cresceram e por algum tempo ainda conviveram, mas depois Venceslau foi estudar e o que sobrou da amizade eram as roupas que Miguel ganhava da mãe de Venceslau, porque não serviam mais no filho.

Lembrava-se que da última vez que se encontraram antes do seu casamento foi em um baile. No mesmo baile em que encontrara seu primeiro e único amor.

Miguel e Venceslau conversavam quando entrou acompanhada de seus pais aquela moça muito bem vestida. Miguel cochichou com Venceslau se o mesmo conhecia a senhorita. E ele respondeu que não. E não deixou escapar um chiste: _ foi pego pelo coração, meu amigo? Ambos permaneceram por ali, mas Miguel não tirava os olhos da moça e ela por sua vez também lhe dirigia o olhar.

Venceslau resolveu ir embora e só então Miguel aproximou-se dos pais da moça e pediu licença para dançarem. A noite foi pequena. A semana se passou e Miguel não deixou de pensar nela. Agora estava só, Venceslau tinha ido estudar fora e não voltaria tão cedo. Segundo ele mesmo só depois de formado.

No dia treze de junho aconteceu na cidadezinha à quermesse de Santo Antônio, festa promovida pela igreja do padre José, que por coincidência também era Antonio, ou seja, José Antonio. O padre era tão aficionado pela festa que mesmo anunciada uma tempestade ele teimava em realizá-la.

A festa era promovida pelo padre, mas quem organizava eram as senhoras da comunidade. De longe Miguel avistou a sua pretendida que estava acompanhada pelo pai.

Como um animal que persegue sua caça aproximou-se sem barulho, fingindo um acaso. Ela já o havia percebido, mas fingiu não vê-lo. Ele estava nervoso, ansioso e se mantinha contido para não ser mal interpretado pelo pai da moça. Passou de banca em banca de jogos e iguarias até chegar a de tiro ao alvo onde pai e filha se encontravam.

Após algumas brincadeiras no tiro ao alvo, o pai e Miguel travaram um breve diálogo. Assuntos óbvios. Não se conheciam. O pai relatou que eles não eram originários dali. Haviam chegado há pouco tempo e já estavam de partida, pois sua esposa não tinha se adaptado ao lugar. Como ele viajava muito, pois era mascate, nem sempre as mulheres podiam lhe acompanhar. Sua profissão não lhe permitia outra forma se não andar de lugar em lugar. A moça era muito calada. Miguel achou que não era conveniente permanecer ali fazendo indagações e despediu-se sumindo na multidão.

Na verdade, ele apavorou-se com a idéia de que sua pretendente iria embora e que ainda não tinha tido a coragem de pedi-la a seu pai. Foi para casa e o medo passou a fazer-lhe companhia. E se ela fosse embora? Como saber? Como procurá-la e muitos outros pensamentos enchiam sua cabeça.

Dois dias depois temendo que já houvessem se mudado Miguel resolveu procurar o amigo Mário, já que não podia contar com Venceslau. Lembrou-se de que de tanta ansiedade não lembrava o nome do pai e também não sabia o nome da filha, quer dizer não sabia nada.

Mário nada podia ajudar, pois nem sabia de quem se tratava, mas recomendou que fosse conversar com o padre, este com certeza poderia dizer-lhe algo. Os padres sempre sabem quem é quem, ainda mais se forem comerciantes, estes são os que mais contribuem para as obras da igreja.

Miguel contava que enquanto se dirigia até a igreja pensava que talvez os comerciantes vendessem um pouco mais caro justamente para sustentar o padre. (neste pedaço do conto ele ria muito, às vezes perdia o fôlego de tanto rir).

O padre José assustou-se ao vê-lo entrar. Nunca o tinha visto nem perto da igreja e foi logo disparando: - quem morreu meu filho? Miguel contava que neste ponto sorriu e contou-lhe o seu drama.

O padre tranquilizou-o sabendo que a família continuava na cidade, mas já estava com data marcada para mudar-se. O padre contou-lhe que a moça se chamava Albertina e tinha esse nome porque o pai se chamava Alberto e a mãe Horizontina. O padre gostava de casamentos e segredou a Miguel que Albertina também havia perguntado por ele.

Miguel ficou tão feliz que ao sair abraçou o padre com tal efusão que os óculos do padre foram ao solo. O padre tinha lhe dado até o endereço. O padre era bom nisso! Quando já saía na porta o padre chamou-o e com um tom de ironia disse-lhe: _Venha à igreja agradecer! É bom!

Ele tão feliz com a novidade que se esqueceu que estava indo para casa. Quando se deu por conta estava no endereço que o padre lhe dera. Ficou algum tempo parado na frente da casa tomando fôlego para encampar melhor a idéia de chegar para uma visita. Considerava que seria muito atrevido de sua parte chegar sem aviso prévio.

Bateu e logo a porta se abriu. O Seu Alberto foi quem o atendeu e pareceu contente. Miguel adentrou a sala a convite dele que chamou as duas mulheres para acompanhá-lo. Todos se sentaram e Miguel sentia suas pernas tremerem. Apresentou-se e logo foi dizendo da intenção de sua visita. O pai e a mãe disseram sentir-se muito honrado em saber de suas boas intenções. O pai completou que só de boas intenções não sobrevivia um compromisso e por isso o pai de Albertina propôs ao Miguel que trabalhasse com ele. Nunca tinha passado sequer por um momento, em sua cabeça, trabalhar de mascate. Mas se era o que o seu futuro sogro lhe oferecia, aceitou de pronto.

Miguel explicou, ao pai de Albertina, que trabalhava na lavanderia da cidade ainda por se achar muito jovem para enfrentar uma empreitada nova em sua vida. Alberto por sua vez acrescentou: - um homem de bem precisa ter um trabalho, não pode

viver à custa dos outros. Alberto comentou que já sabia que Miguel era um moço pobre, mas de muito boa família. Conversaram um pouco mais e Miguel retornou a sua casa, pensativo.

Seu futuro sogro não era nada bobo. Além de dar-lhe uma oportunidade de trabalho iria mantê-lo longe de sua casa durante sua ausência. Miguel parecia bem contente. Deixaria o atual emprego e quem sabe seria mais feliz na profissão de mascate. Não estaria sozinho e aprenderia muito com seu Alberto que já estava acostumado com a freguesia. Tendo uma maior convivência com a família e mesmo que se mudasse para outro lugar ele não os perderia de vista.

Quando retornaram de sua primeira viagem Miguel aproveitou para informar seu Alberto da intenção de casar-se. Seu Alberto pediu calma, pois Albertina era a única companhia da mãe que era uma mulher doente e que necessitava cuidados. Miguel surpreendeu-se ao saber que sua sogra sofria de algum mal; para ele ela parecia somente uma pessoa calada.

Ao chegarem à cidade cada um foi para sua casa. Miguel e sua mãe moravam em uma casa deixada por herança de seu pai. Sua mãe era uma mulher muito alegre e caprichosa que ficara viúva e nunca mais quisera casar-se. Vivia repetindo sempre o mesmo refrão: - homem igual a seu pai, só ele.

Chegando a sua casa percebeu sua mãe debruçada à janela como se o estivesse esperando. Em tom de brincadeira indagou da mãe como saberia que ele estava chegando. Ela respondeu que sabia. Alguém deveria avisá-los de que dona Horizontina... E não completou a frase.

Miguel assim como vinha voltou correndo. Dona Horizontina tinha morrido. Após o funeral todos foram para casa de Miguel.

Após os sete dias de luto Alberto decidiu que não iria mais mudar-se. Dois meses depois Miguel e Albertina se casaram e Venceslau foi um de seus padrinhos. E foi a última vez que se viram antes daquela manhã.

Sogra e genro continuaram trabalhando juntos. Albertina foi morar na casa de dona Izabel, mãe de Miguel. Após três anos de casados Albertina engravidou e ao dar a luz morreu ela e a criança. Triste e desolado Miguel nunca mais quis casar-se, aquele tinha sido seu único e inesquecível amor.

Miguel continuou sendo mascate até que o sogro morreu. Cinco anos mais tarde sua mãe também o deixou e ele se aposentou e segregou-se. Não tinha olhos para mais nada. Vivia por suas lembranças. Zizinha, a moça que cuidava dos afazeres da casa vivia o incentivando a passear, mas ele não se achava com forças para isso. Achava-se muito velho.

Algo havia acontecido, naquela manhã, ele não se reconhecia: estava muito animado. Tudo lhe parecia mais belo. O tempo sombrio de sua vida havia desaparecido. Já não era tão pobre como antigamente nem precisava de terno emprestado nem de dinheiro, isso ele tinha o que lhe faltava eram os amigos.

Muitos dos conhecidos se haviam afastado e outros tantos tinham ido visitar outros mundos. Hoje todas as pessoas estavam muito atarefadas mal tinham tempo para si. Ele teve todo o tempo que quis e não soube aproveitar para fazer amizades.

As crianças podiam ainda dar-lhe alguma atenção, porém estavam também muito ocupadas com tarefas escolares e outras que seus pais determinavam e queriam brincar de correr, saltar e jogar seus jogos. O que faria um velho em meio à criançada. Mesmo assim aquele dia estava sendo o dia mais feliz de sua vida.

Mal o sol surgiu, Miguel estava em pé junto à janela que dá para a rua, pois para ele era um dia diferente, parecia que o sol brilha mais intensamente. Espreguiçou-se. Seus braços e sua cabeça pareciam estar mais leves. Sentiu-se atraído para passear lá fora.

Ao sair notou que estava fresquinho e voltou para agasalhar-se.

Sentia-se excepcionalmente feliz. Passeando pelo quarteirão observava todos os movimentos: as pessoas, os animais, as árvores, todos os objetos por mais insignificantes que parecessem. Observava tudo nos mínimos detalhes, como se estudasse sua anatomia para um doutorado.

Após umas duas horas retornou, o café o esperava como em todas as manhãs, porém já não no mesmo horário, pois seu degustador estava atrasado. Sentou-se a mesa como um príncipe e bebeu com vontade aquele saboroso e fiel café de todas as manhãs, mas que hoje tinha um sabor diferente, sabor de alegria.

Estranho era que, naquele dia, nada o impedia de sentir-se leve e satisfeito. Lembrou-se do velho amigo de juventude que muitas vezes lhe emprestara dinheiro e até mesmo roupas para passear. Não lembrava bem do endereço, mas sabia o rumo e porque não visitá-lo.

Subiu a ladeira e somente depois de ter caminhado duas ou três quadras deu-se conta que não sentia o mesmo cansaço de antigamente. Mas, afinal o que estaria lhe acontecendo? Sua musculatura estava rija e não mais parecia a de um homem de oito décadas e meia.

Caminhou tão leve que quando se deu conta já havia chegado ao endereço pretendido. Estranhou um pouco o ambiente. Havia muitas casas novas fazendo parte do cenário e a pretendida casa do amigo já não estava lá.

Ele era um homem determinado. Passeou pela quadra de alto abaixo como se vasculhasse uma pedra preciosa para ser lapidada, por fim parou. Era ali, não restava dúvida: apenas mudara a fachada da casa, o conteúdo era o mesmo. O brilho que aquela casa apresentava era o mesmo brilho que seu amigo tinha em tempos passados.

Chamou no interfone e o que ouviu foi uma voz rouca que de dentro da casa avisou que o portão estava sendo aberto. Era seu amigo, sem dúvidas, não podia estar enganado. Seguiu adiante e entrou pelo jardim, pleno de felicidade olhou tudo a sua volta como que quisesse fixar em sua mente todo aquele esplendor antes que não pudesse mais voltar ali.

Entrou na casa e foi recebido por um mordomo vestido a caráter e que sem perguntar-lhe o desejo foi lhe encaminhando por um longo e iluminado corredor. Adentraram uma saleta com tapetes e cortinas de veludo azul, onde havia apenas duas cadeiras e um carrinho de refeições. Seu coração quase explodiu de tanta felicidade: ali estava seu amigo. Abraçaram-se fielmente por longos segundos sem dizer uma só palavra. Lágrimas escorriam pelo rosto de ambos.

Sentaram-se e recordaram os bem vividos anos onde tiveram muitas alegrias. As tristezas, essas ficaram de fora, pois quem quer recordá-las na velhice? Ambos sabiam que talvez aquela visita fosse à última de suas vidas. Combinaram um café da manhã na casa de Miguel.

O visitante despediu-se e ainda emocionado dirigiu-se até o portão que se abriu como num passe de mágica e com esse mesmo passe fechou-se.

Ficou do lado de fora olhando fixamente o jardim e depois se foi.

Andando e recordando. De quando em vez esboçava um sorriso.

Venceslau, o amigo visitado, ficara observando Miguel se afastar, quando subitamente notou que a roseira tinha florescido. Qual a surpresa em uma

roseira florir? Havia surpresa sim, pois aquela roseira já fora plantada há muitos anos e nunca havia florido. A rosa era tão bela que mais parecia uma dália cor de sangue; nunca se tinha visto nada igual. A cor da rosa fez com que Venceslau se lembrasse de um pacto que fizera com Miguel em uma dessas noitadas em que todos se encontram embriagados e, por vezes, nem se lembram das bobagens que fazem e dizem. Os dois haviam combinado que o que morresse primeiro viria levar o outro imediatamente para que desfrutassem juntos do que os aguardava no outro lado.

Ficou divagando. Miguel lhe parecia bem de saúde e essas brincadeiras de adolescentes eram apenas criancice. E o pensamento se foi.

Que bobagem pensar essas coisas, ele se achava ainda pleno de vida e com a cabeça boa, poderia viver mais tantos anos, como uns vinte ou trinta. Ainda estava absorto em seus pensamentos quando a casa foi invadida por uma algazarra de crianças misturada a latidos de cachorros. Eram seus netos chegando de viagem. Que alegria, a vida voltava àquela casa.

As crianças corriam em meio à folia de cachorros jogando-se nos braços do avô como se há meses não o vissem. Era grande a emoção.

O filho e a nora o abraçaram, mas não tinha o mesmo significado do abraço das crianças. As crianças só abraçam quando querem e é sincero meigo e terno. Aquele dia estava sendo especial. Um contentamento havia tomado conta do velho, ele estava eufórico.

À noite, Venceslau notificou à família que havia recebido a visita de Miguel, seu amigo especial. A visita pareceu não agradar ao filho que olhou para a mulher como que a perguntar quem seria este amigo, que o procurara justamente quando ele se encontrava só.

Ao perceber o olhar entre os dois Venceslau permaneceu calado pelo resto do jantar.

Miguel ao chegar a casa comentou a visita que empreendera, naquele dia, com Zizinha. Ele ficara viúvo e sem filhos, então Zizinha era como uma filha e para ela ele não tinha segredos.

Venceslau estava sentado à beira da janela absorvendo o ar puro de seu jardim e apreciando a rosa que desabrochava. O filho aproximou-se para conversar sobre a visita que ele recebera e se inteirar de quem se tratava.

Venceslau perguntou-lhe por que o interesse e o filho explicou que tinha medo de que fosse alguma pessoa que eles não conhecessem e que pudesse tirar proveito da situação confortável que eles levavam.

Ao esboçar tal pensamento, o filho deixou Venceslau irritado. Venceslau resumiu a história de seu amigo Miguel dizendo que ele não era nem de longe um aproveitador. Era de fato um homem velho e pobre, porém digno e de respeito. O pai de Miguel fora empregado de seu pai por muito tempo e só se afastou do trabalho quando se aposentou e nunca a empresa de seu pai foi tão bem cuidada como neste tempo. Era também um homem pobre, mas pródigo e trabalhador incapaz de qualquer desonestidade. O que os tinha afastado era a própria vida.

Miguel havia casado e viajava muito. Venceslau teve de estudar fora e quando voltou tomou conta dos negócios e não mais se encontraram. A última vez que se viram foi no casamento de Miguel, isso há mais de sessenta anos.

O filho tratou de convencer-se de que Miguel era uma boa pessoa.

Enquanto isto, Miguel estava eufórico passou a tarde planejando o café da manhã onde estaria com Venceslau.

Depois do café passariam horas conversando e lembrando coisas boas do passado, pois sabia que tinham pouco tempo antes de partirem. Venceslau não poderia faltar.

Na tarde daquele dia, Miguel sonhou que Venceslau viera visitá-lo. Comentou muito alegre, com sua ajudante, o sonho que tivera e tratou de marcar o tão sonhado café da manhã.

Seria na manhã do dia seguinte.

Como não estava disposto pediu a Zizinha para levar o convite ao amigo.

Zizinha saiu apressada para a entrega encomendada. Ao chegar ao local a casa estava completamente fechada. Nenhum aviso. Não havia ninguém a quem perguntar e retornou.

Ao chegar encontrou Miguel dormindo.

No dia seguinte, não houve café da manhã. Venceslau não pode comparecer. Miguel também não o esperou.

Miguel e Venceslau partiram juntos no mesmo dia e hora sem avisar. E não deixaram recados de seus retornos.

Com certeza, viajavam juntos como duas crianças traquinas rumo ao desconhecido.

Antonia Rosangela